

VENCER A CRISE NO RESPEITO DOS VALORES ÉTICOS

por Mário Soares

Sinto que muitos portugueses se manifestam descontentes, confusos e pessimistas quanto ao seu futuro. É natural. Passa-se o mesmo noutros países europeus. Vivemos uma crise que é estrutural, que vem de longe, mas que é também - e principalmente - global, por ser, obviamente, europeia e mundial.

Depois dos tempos de euforia da liberdade, que resultaram da Revolução dos Cravos, em que parecia que tudo era possível, há trinta e seis anos, uma vez conseguida a paz, o fim das guerras e refeitos, os portugueses, com sucesso, da descolonização, seguiu-se uma segunda euforia, com a adesão à CEE, que nos trouxe um progresso económico-social e cultural incontestável e um desenvolvimento sem paralelo no século XX.

Contudo, o tempo das vacas gordas passou depressa. Os portugueses, diga-se, também cometeram erros na gestão dos fundos europeus. A transição para o círculo do chamado "primeiro mundo" foi talvez demasiado rápida. Deu-se um fenómeno de ostentação de riqueza, que atingiu certa classe média, sem que as desigualdades sociais, que constituem, para nós, uma vergonha, diminuíssem. Bem pelo contrário...

Entretanto, o Mundo entrou em crise global, a começar pela América do Norte, a pior do capitalismo, desde 1929. Atenção: ainda não nos desembaraçamos dela. A União Europeia não fugiu à regra. O que complica muito a nossa situação de portugueses, visto termos sido dos países mais bem integrados, económica e politicamente, da União.

Mas, para além disso, no plano geoestratégico e político, o Mundo mudou radicalmente. A plurilateralidade tornou-se um facto. A China, com todas as contradições e problemas político-estruturais que a afligem, está a ponto de se tornar numa super-potência. Surgiram os países emergentes - os chamados BRICs - e ainda o Canadá, o Japão, a Indonésia, a Turquia e, obviamente, a Austrália. O centro da gravidade do Mundo de hoje está - segundo nos dizem - a deslocar-se do Ocidente para o Oriente. Mas não é por enquanto uma fatalidade: é uma tendência. As relações entre os Estados Unidos e a União Europeia tornaram-se menos fluidas e óbvias, como se viu na Conferência de Copenhaga. O que pode vir a constituir um factor de risco grave para a Europa e, sem dúvida, também, para a América.

Num contexto tão complexo, a União Europeia criou um grupo de reflexão sobre o futuro da Europa, presidido por Felipe Gonzalez, cujo primeiro projecto, ainda incompleto, penso, tive o privilégio de poder ler e sobre ele reflectir. Parte, esse texto, do princípio de que a União está obrigada, em curto prazo, a fazer uma escolha decisiva: ou é capaz de responder positivamente aos desafios globais a que está, por força das circunstâncias, submetida, tornando-se um actor mundial reconhecido e competitivo; ou entrará em inevitável marginalização e declínio. Tornar-se-á "uma pequena península insignificante e pobre do grande continente asiático"...

Muitos dos portugueses informados e conscientes - políticos, empresários e sindicalistas - que falam da crise, para criticar o Governo, parecem não ter compreendido esta realidade, que nos obriga a subir a reflexão, sobre a crise, para outro patamar de responsabilidade. O que, aliás, não admira, porque muitos dos actuais dirigentes europeus - a começar pelos dos grandes países membros fundadores da União - também não procedem como se estivessem convictos dessa inadiável escolha. Pelo contrário.

Note-se que a União Europeia, no seu conjunto, continua a ser uma grande potência, tanto em matéria comercial como do investimento, em serviços e indústrias, como: automóvel, agro-alimentar, metalurgia, produtos fármacos, aeronáutica, etc. Tem, aliás, um poderoso mercado único, uma forte moeda única - o euro - sendo o segundo centro financeiro mundial. Além de ter uma base jurídico-institucional sólida, de considerar uma prioridade respeitar o Estado de Direito e os Direitos Humanos dos cidadãos e de ter sabido assimilar uma enorme diversidade cultural e étnica. Ora tudo isso - e muito mais - são incontestáveis vantagens da União.

Desde que consiga reflectir, a longo prazo, sobre as grandes mudanças mundiais, mas agir, desde já, em função delas, porque o tempo voa. Ora, quanto à acção, não tem sido o caso, dada a rapidez com que o Mundo está a transformar-se, perante a rotina paralisante europeia.

A União Europeia não foi capaz ainda - e isso é de muito mau augúrio - de definir e de pôr em prática um plano concertado, entre todos os seus Estados membros, de ataque à crise. Talvez por falta de uma visão de futuro das lideranças políticas actuais que, no fundo - como tenho dito e repetido, nesta coluna - querem que se mude o menos possível, para que tudo fique na mesma...

Economistas reputados e prémios Nobel - como Joseph Stiglitz ou Paul Krugman - têm alertado para essa impossibilidade. Sem êxito. O Fundo Monetário Internacional tem vindo a insistir - agora - "em repensar tudo de novo". É um progresso para uma instituição que, durante décadas a fio, teve fracassos enormes, como o da Argentina - e alguns êxitos, como Portugal - foi a expressão do chamado Consenso de Washington e, conseqüentemente, do neo-liberalismo e da globalização desregulada que nos conduziram à crise global, nesta encruzilhada em que nos encontramos. Dominique Strauss-Kahn, o actual Presidente do FMI, tem vindo a defender, na linha, aliás, do seu pensamento social democrata, que se deixe subir a inflação (contra o que pretende o Banco Central Europeu), com o objectivo de animar políticas de combate ao desemprego, o nosso flagelo principal.

No fundo, para acabar com o capitalismo de tipo financeiro-especulativo (possibilitado pelos "paraísos fiscais", pela ausência completa de princípios éticos e pela ânsia do lucro e de ganhar dinheiro fácil, independentemente dos valores da honestidade), voltando aos princípios da economia real, que considera necessidade prioritária conseguir o pleno emprego, sem o qual, nas democracias, não haverá estabilidade política nem social, a uma mais equitativa repartição da riqueza e ao respeito das regras ambientais de defesa do nosso Planeta ameaçado.

E Portugal?

A meu ver, como Estado membro da União Europeia, deve acompanhar - e participar activamente - na reflexão que está a ocorrer no nosso Continente, para não perdermos o nosso lugar no novo mundo global em gestação. Temos elites responsáveis e excepcionais que estão seguramente a pensar nisso. Devemos ouvi-las e contribuir de forma responsável para que a União avance e garanta o seu espaço como agente mundial de primeira importância, em todos os domínios. Tanto quanto possível em convergência com os Estados Unidos da era Obama.

Mas - atenção - Portugal não é só um Estado europeu, ainda que a sua integração europeia tenha sido de primeira importância. Temos muito a dar e a receber da Europa. Mas, lembremo-nos da nossa história e da nossa posição geo-estratégica. Somos um País atlântico e mediterrânico, com fortes laços com África e a Ibero-América. Temos uma língua em expansão e universal. Fomos os primeiros europeus a conhecer o Mundo e a ter, como se diz hoje, uma mundivisão - e a entrar em contacto com todas as civilizações, culturas e religiões, praticando o multiculturalismo e a miscigenação. No fundo do nosso mar temos imensas riquezas inexploradas, tanto no Continente como nas Regiões Autónomas. Assim as saibamos explorar, com informação e inteligência. Somos membros de pleno direito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e da Comunidade Ibero-Americana. Quantos dos nossos parceiros europeus se podem gabar destas riquezas?

3. Portugal sofre de um vício terrível.

O qual é: gostar de dizer mal do seu próprio País. A "piolheira" como lhe chamava D. Carlos. Sacudamos o pessimismo dos economistas com medo pânico do deficit. Quando alguns Nobel da economia, como disse acima, aconselham a União que o deixe crescer, se for necessário, para atacar o flagelo do desemprego, a maior de todas as preocupações. Para salvar a tranquilidade política e social, um elemento tão decisivo de uma boa governabilidade.

Acresce que não temos só o mau vício de dizer mal de nós próprios. Temos outro, também grave, que a Democracia Pluripartidária nos trouxe: o gosto das guerrilhas partidárias, em si mesmas, sem ideias nem ideologias claras e de discutir o acessório - as ambições partidárias e pessoais de poder e interesses mesquinhos - esquecendo o essencial. Ora, o que é hoje o essencial? É vencer a crise, sem pôr em causa as conquistas sociais, lutando contra o desemprego, com inteligência e bom senso, contra o endividamento do Estado e das Famílias, e ainda contra o despesismo público e privado.

O essencial é, hoje, que o Estado e os Partidos, tanto do Governo como das Oposições, da Esquerda ou da Direita, abandonem o acessório, que ocupa mais de 80% da nossa Comunicação Social - as fugas ilegais, os escândalos ou pseudo-escândalos, o dize-tu direi eu, as frases assassinas, logo esquecidas, etc. - e se concentrem no debate que mais importa aos cidadãos: dar resposta a como sair da crise? Como vai ser, em detalhe, o Programa de Estabilidade e Crescimento, para nos conduzir, melhorando a nossa situação, até 2013? Como vamos combater o desemprego? E manter o trabalho

dos empregados apavorados com medo de o perder? E as pequenas e médias empresas, sufocadas pelas grandes concentrações.

Eis algumas questões - há outras - como as da Justiça, de extrema importância, da Segurança Social, para todos, melhorar a péssima repartição da riqueza. Questões que gostaria de ver debatidas e sensatamente resolvidas. Tenho esperança que o consigamos.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 2010